

Liberdade de Expressão e a TV que Cuba USA ¹

Daniel Barreto de Souza e Sá ²

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF, Campos, RJ

Resumo

Enquanto a Televisão no Brasil é livre e digital, em Cuba ela ainda parece estar revestida de quarto poder. Todavia, desde 17 de Dezembro de 2014, quando EUA e Cuba concordaram em substituir mais de 50 anos de hostilidade pelo diálogo e anunciaram a retomada das relações diplomáticas, os primeiros sinais de mudança de postura puderam ser vistos. No que tange à Comunicação, as perspectivas são suficientemente férteis para gerar um novo universo de pesquisa, através do qual objetiva-se dimensionar o que poderá ser o renascimento da Televisão em Cuba, tendo a liberdade de expressão como viés principal, por meio de registro progressivo dos fatos e seus desdobramentos, evidenciando os testemunhos dos cubanos e as ações do regime.

Palavras-chave: Comunicação, Televisão; Liberdade de Expressão, Cuba, EUA

Quando se tem liberdade de expressão

Durante muito tempo, os estudiosos da comunicação preocuparam-se com os efeitos que as mensagens veiculadas na TV poderiam causar nos telespectadores: o condicionamento, provocado por sua utilização, poderia conduzir o indivíduo a um comportamento passivo e a um tipo de alienação.

Para Marshall McLuhan³, a essência da comunicação não estaria no conteúdo das mensagens, mas na maneira como elas são transmitidas. Segundo ele, “o meio é a mensagem”, isto significa que os veículos de comunicação são capazes de condicionar as mensagens para alterar a perspectiva do público. A mensagem tornar-se-ia secundária, pois seria conduzida sob os interesses do meio que a comunica. Com a utilização da TV, a concepção que os telespectadores teriam do mundo estaria dominada pela imprensa, através de uma realidade deturpada, reflexo da linha editorial de cada emissora.

A Televisão é o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade. Indubitavelmente, o maior instrumento de socialização que já existiu, pois

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando (aluno especial) do Curso de Cognição e Linguagem do CCH-UENF, email: danielbarreto@globo.com

³ MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

nenhum outro meio de comunicação da história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, fascinando-os e penetrando no seu imaginário social (FERRÉS,1998).

Depois de décadas, os estudos iniciados com a Escola de Frankfurt ainda são largamente aceitos. Pierre Bourdieu (1997), por exemplo, considera que os profissionais que lidam com a televisão devem lutar para não transformá-la num instrumento de opressão simbólica, justamente pela capacidade de abrangência, uma vez que através dela é possível perpassar uma grande demanda de interesses políticos e econômicos.

Na contramão das correntes teóricas que emanam da Escola de Frankfurt, hoje, no Brasil, os telespectadores são ativos no processo comunicacional, não ocorrendo, portanto, alienação, supressão do pensamento, coação coletiva das consciências, opressão simbólica ou qualquer outro nome que se dê à suposta manipulação promovida pelas emissoras de televisão, com o objetivo de perpetuar uma ideologia dominante (SÁ, 2008).

Assim, durante a primeira etapa deste estudo, após minucioso levantamento de dados e sua análise, comprovou-se a hipótese de que a audiência molda o discurso e, conseqüentemente, as emissoras de televisão transmitem o que a maior parte dos telespectadores quer ver. Só ficam no ar, de fato, os programas que dão audiência. Sem audiência não há anunciante e sem anunciante não há como uma emissora privada se manter. Doravante, confirmou-se a tendência de descentralização da audiência e de coprodução de conteúdo, justificando o fenômeno da desmassificação, previsto por Nelson Hoineff⁴, consequência da maior oferta de canais abertos, do crescente número de assinantes de canais pagos e do efeito *zapping*, ou seja, quando os telespectadores mudam frequentemente de canal com o objetivo de escapar de conteúdos desinteressantes.

Ao analisar a Televisão com enfoque crítico, percebemos que, ao contrário do que se pensava, o público não tende a se alienar, mas a se posicionar frente às emissoras, manifestando seu direito de escolha e condicionando a programação televisiva às suas preferências.

A televisão brasileira foi concebida a partir de vários princípios, mas sobre um áureo pilar: o entretenimento. Ela realmente tem poder de influência e todas as emissoras possuem nítidas linhas editoriais, porém, a TV é apenas um espelho. Tudo o que ela exhibe é, no fundo, aquilo que a maioria quer ver.

Discutir o futuro da TV e a convergência das mídias é algo possível em países democráticos. Sem liberdade de expressão não há interação. A preferência dos

⁴ HOINEFF, Nelson. A nova televisão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

telespectadores não conta e não lhes faculta participar, pois não há livre manifestação do pensamento. Os telespectadores livres de países democráticos estão fazendo uma TV sem fronteiras, porém os telespectadores que vivem debaixo de qualquer tipo de ditadura estão sujeitos aos interesses de seus opressores. Em países como Cuba, a censura esteriliza o que se assiste, lê ou escuta. Não pode haver oposição, ou mesmo crítica: não há liberdade.

A censura também silenciou vozes brasileiras durante a ditadura militar e a Televisão foi instrumento para os ditames do regime. Nos dias de hoje, qual seria o papel do telespectador num país comunista de regime ditatorial? O que gostaria de ver? Após anos de passividade, ele quer ser ouvido? O que diria se pudesse? Qual vídeo caseiro seria capaz de produzir? Tomando Cuba como universo de estudo, é possível projetar o futuro da TV? Quais mudanças poderão ser vistas com a retomada do diálogo com os Estados Unidos da América? Diante deste novo cenário, surgirão múltiplas oportunidades para o desenvolvimento de um novo fazer televisivo em Cuba, com resultados imprevisíveis, tanto em dimensão, quanto em extensão. Apesar das incertezas, momentos como este sugerem, ao menos, perspectivas de mudanças e, certamente, um vasto campo de estudo.

A temática foi proposta a partir da possibilidade de se ver evolução da televisão em Cuba, tendo a liberdade de expressão como prerrogativa e o desenrolar das relações diplomáticas com a Casa Branca como motriz. O cerne permeará a relação cognitiva entre emissor e receptor – televisão e telespectadores.

Nesta fase da pesquisa é precoce formular uma hipótese, principalmente considerando o ainda pequeno conhecimento do universo de estudo. Assim como o telespectador de hoje, esta pesquisa buscará na multiplicidade de fontes as respostas para o que está problematizado. Sejam nas páginas dos livros, nas telas dos tablets, tevês e computadores ou até numa aeronave, todos os caminhos nos levarão a Havana.

Quando se quer liberdade de expressão

Em um cenário de TV Digital, a relação das audiências com o campo da produção se amplia ainda mais porque elas (audiências) poderão interagir com a esfera da produção, interferir nos conteúdos e, sobretudo, criar sua própria grade de programação (BARBOSA FILHO, 2005).

A liberdade de expressão é de vital importância para qualquer democracia. Os governos democráticos não controlam o conteúdo da maior parte dos discursos escritos ou verbais. Assim, em sociedades democráticas, é possível assistir programas, ideologias e

opiniões diferentes e, até mesmo antagônicas. Algumas emissoras podem omitir ou divulgar informações segundo interesses comerciais. Não há lei que as obrigue ou impeça de fornecer essa ou aquela informação. Do outro lado da tela, a liberdade de expressão das emissoras encontra a liberdade de escolha do telespectador.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Quando decide o que vê na televisão, quando elege as experiências que vão merecer atenção e esforço de interpretação, quando discute, apoia ou rejeita determinadas políticas de comunicação, o telespectador contribui para uma construção diária da programação da televisão. O que este veículo é ou deixa de ser, não é, portanto, uma questão indiferente às atitudes de seus telespectadores (MACHADO, 2000).

Segundo João Roberto Marinho, é em um processo interativo, de aceitar e rejeitar os traços, que a TV apresenta e traduz, ou não, o que lhe é intimamente característico, que o telespectador passa a explicitar a sua identidade. É como se a mídia fosse um espelho e uma janela ao mesmo tempo. A janela nos permite olhar para fora. O espelho permite que vejamos a nós mesmos. Ao olharmos, ao mesmo tempo, no espelho e na janela, descobrimos quem somos e quem são os outros, em que somos iguais e em que somos diferentes. Estabelece-se uma identidade (Revista Imprensa, mar. 1998 *apud* JACKS, 2003).

Aquela que seria a TV 2.0, supostamente fecundada a partir do seriado LOST – inspirado em jogos de RPG⁵ – traria programas totalmente personificados por seus telespectadores, a partir de interações virtuais com os produtores⁶. Outro protótipo da tevê do futuro é o YouTube, serviço de vídeos online que representa 10% do valor de mercado do Google, avaliado em 2014 pelo Banco de Investimento Jefferies por mais US\$40 bilhões⁷.

O seriado LOST também foi transmitido em Cuba⁸, na estatal Cubavisión – principal emissora do país – mas os cubanos não estavam suficientemente conectados para interagir com os produtores. As origens da Cubavisión começaram a partir das transmissões regulares da TV comercial CMQ, em 11 de Março de 1951. Em 1959, com a Revolução Cubana, a CMQ-TV e demais veículos de comunicação do país foram estatizados. Outras 4 emissoras também são mantidas pelo governo: Tele Rebelde, Multivisión, Canal Educativo e Canal Educativo 2. A Cubavisión Internacional é transmitida para outros países. Distante desta realidade, o que se percebe é que o modelo de televisão cubana não é um espelho de seus telespectadores.

Um apresentador de Televisão virou nome de um enfeite divertido, em forma de cachorro, que se coloca no interior dos carros. Concordar o tempo todo lhe valeu a comparação com os bichinhos que mexem a cabeça a cada solavanco da carroceria, enquanto simulam dizer sim. [...]

Uma amiga mexicana me deu de presente uma tartaruga de papel machê que diz não e que me faz lembrar as negativas que nós cidadãos nunca podemos expressar em público. No ritmo desse simpático quelônio, eu queria ressaltar tudo aquilo que desaprovo, mas que não me permitem decidir com uma cédula de voto. Mexer a cabeça para os lados quando não se está de acordo implica uma forma maior de coragem do que afirmar ou consentir o tempo todo. A ginástica de dizer sim custou expressivas perdas à minha geração, que arca com os assentimentos e acordos que dos nossos pais fizeram.

Poderíamos começar a dizer não ao centralismo, à burocracia, ao culto a personalidade, às proibições absurdas e a gerontocracia. Como um ventilador que vai da direita para a esquerda, assim eu me moveria se alguém me perguntasse sobre a gestão do atual governo. Não, é a primeira palavra que me vem à mente quando me perguntam se a cuba de hoje se parece com a que me prometeram quando era menina. Minha desaprovação não será transmitida pela Televisão, nem merecerá tapas nas costas complacentes de algum chefe, mas ao menos não é automática como o sim do cachorrinho de plástico (SÁNCHEZ, 2009, p. 79).

⁵ “*Role Playing Game*” é um jogo interativo em que os participantes interpretam seus personagens, criando narrativas a partir de um enredo guiado por um dos participantes, normalmente denominado mestre do jogo.

⁶ ANDRADE, Luiz Adolfo de. Realidades Alternadas ou revelações de Lost sobre games e ficção seriada. In: Colóquio Internacional Televisão e Realidade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

⁷ YouTube Vale Milhões. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br>. Acesso em: 23 Dez. 2014.

⁸ *Juventud Rebelde - Cartelera* (Programação). Disponível em: <http://www.juventudrebelde.cu>. Acesso em: 21 Dez. 2014

Temendo ser perseguido, como ocorrera com Yoani Sánchez, um escritor cubano, oculto pelo pseudônimo de Winston Smith, escreveu:

Os meios de comunicação em Cuba, como tudo, estão a serviço única e exclusivamente do governo, que pretende fazer crer aos mais néscios que estes meios são do povo, algo que é assaz não respeitoso. Rádio, Televisão e imprensa estão feitas à imagem e semelhança do governo. Estes meios não informam, mas desinformam, porque são especialistas em dizer a verdade pela metade, e nada existe de mais perigoso do que a verdade pela metade (2012, p. 291).

O governo castrista, orgulhoso pela revolução, mais ainda pela resistência, após manter a ilha independente de seu vizinho imperialista por mais de 50 anos, deseja dar novos rumos ao país. Antes da desvalorização do petróleo e o conseqüente enfraquecimento de seus parceiros Rússia e Venezuela, Raúl Castro já via em Barak Obama o caminho para desatar os nós que impedem o amplo crescimento de Cuba, caso seja possível estabelecer relação bilateral entre as nações.

Nossa política está definida: o dia que Obama quiser debater debateremos em igualdade de condições, como já disse, sem a mínima ameaça sequer a nossa soberania e de igual para igual. E como costuma, ou costumava, acontecer, a cada instante aparecia alguém para pedir que fizéssemos um gesto, como também recebi uma carta de um ex-presidente sugerindo estarem próximas algumas mudanças diante das eleições presidenciais dos Estados Unidos e que seria bom que Cuba fizesse alguns gestos. Com a mesma amabilidade com que me escreveu lhe respondi: a época dos gestos unilaterais se acabou, agora é gesto por gesto (CASTRO, 2009, p. 38).

A mudança para um novo modelo de televisão está em curso. Os *realitys shows*, após mais uma década, têm elevado o nível de interatividade com os telespectadores. Novos seriados como o LOST estão disputando fatias da audiência.

A TV Digital abriu um leque de possibilidades, indo além da qualidade de imagem em HD, som e distribuição de sinal. Trata-se de um caminho sem volta para a convergência digital. De uma *smart tv*, já é possível navegar na Internet, assistir filmes 3D e usufruir de aplicativos nativos como Skype, que possibilita comunicação de voz e vídeo gratuita e em tempo real, Facebook, rede social com maior número de usuários em todo mundo, Netflix, locadora virtual que oferece acesso a filmes, séries, desenhos animados, jogos, lutas, entre outros, por livre demanda, 24 horas por dia e sem intervalo comercial. O internauta ou telespectador produz, posta e assiste aos vídeos que quiser e onde quiser. Seja na tevê,

desktop, notebook ou celular. A partir do seriado LOST, ele virou coautor, com o YouTube virou produtor, mas não se pode negar que a TV 2.0 ainda é um embrião.

Enquanto a Televisão renasce no Brasil, em Cuba ela ainda parece estar revestida de “o quarto poder”. Contudo, fatos recentes motivaram a busca por este universo. Esta motivação surgiu quando EUA e Cuba anunciaram a retomada das relações diplomáticas interrompidas em 1961.

Num acordo costurado durante 18 meses de negociações sigilosas, hospedadas em grande parte no Canadá e com incentivo do Papa Francisco; Barack Obama e Raúl Castro concordaram em substituir mais de 50 anos de hostilidade pelo diálogo.

Em 17 de Dezembro de 2014, depois de longa conversa telefônica, os respectivos chefes de estado divulgaram em Televisão aberta, simultaneamente, o acordo que permitirá a reabertura das embaixadas e o alívio de sanções, podendo também pôr fim ao embargo econômico que aflige os cubanos há décadas, caso haja apoio do Congresso Americano. A contrapartida do governo cubano será garantir maior liberdade de expressão e permitir o desenvolvimento das telecomunicações em Cuba.

As medidas preveem que estadunidenses, com licença para viajar a Cuba, estejam autorizados a importar até 400 dólares em produtos cubanos – o limite conjunto para tabaco e álcool ficará limitado a 100 dólares. As remessas de americanos para cubanos passarão de 500 para 2.000 dólares por trimestre (exceto para alguns integrantes do regime ou do Partido Comunista) – o aumento nos valores também vale para doações a projetos humanitários.

Em relação ao embargo, ainda não há mudanças concretas à vista, já que será preciso negociar com os congressistas. “O embargo que foi imposto há décadas está codificado em uma legislação. Eu espero que o Congresso se comprometa com um debate sério e honesto sobre a suspensão do embargo”, disse Obama em seu pronunciamento.

Os EUA também prometem iniciar esforços para aumentar o acesso dos cubanos às telecomunicações, considerando que em Cuba apenas 5% da população possui acesso à Internet. A ideia é exportar equipamentos que possibilitem a criação da infraestrutura necessária para expandir o serviço.

Em Havana, durante seu pronunciamento, Raúl Castro deixa claro que “o principal ainda não está resolvido” e reconhece a existência de “profundas diferenças” com o governo estadunidense “em questões de soberania e direitos humanos”, mas garante que buscará melhorar as relações, haja vista que “os progressos já obtidos demonstram ser possível encontrar soluções para muitos problemas”.

A primeira iniciativa foi a troca humanitária de prisioneiros. O governo cubano libertou Alan Gross, funcionário da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional, de 65 anos, preso em 3 de dezembro de 2009 e condenado a 15 anos de prisão por importar tecnologia proibida e tentar estabelecer um serviço clandestino de Internet em Cuba. Em troca, os Estados Unidos libertaram 3 cubanos que faziam parte do chamado Cuban Five (grupo enviado por Fidel Castro para espionar no sul da Flórida). Eles haviam sido condenados em 2001 sob as acusações de conspiração contra o governo estadunidense.

Em Cuba, o dia 6 de Janeiro de 2015 marcou a libertação de presos políticos e o emblemático nascimento de Gema Hernández Pérez, considerada símbolo da reaproximação dos dois países. A criança foi gerada por Adriana Pérez O'Connor, durante o período em que Gerardo Hernández Nordelo esteve preso, por meio de inseminação artificial facilitada pelo governo estadunidense. Rapidamente, a criança tornou-se símbolo da histórica reaproximação.

Dias antes, em 30 de Dezembro, o governo cubano tornou a reprimir e aprisionar seus opositores. Dentre os presos estava o Reinaldo Escobar, esposo da blogueira Yoani Sánchez. Na ocasião, a imprensa oficial, obviamente, não questionou a repressão, por considerar que a performance da artista Tania Bruguera seria uma provocação política, mas o fato foi criticado pelo governo americano e todos foram libertados no dia seguinte. Isso não significa que Raúl Castro está se sujeitando ou aceitando interferências da Casa Branca em suas decisões. O que vemos é uma postura mais reflexiva e que, lentamente, começa a relaxar as amarras que oprimem, sufocam e silenciam a liberdade de expressão no país.

Novamente, os olhos de mundo se voltaram para Cuba e desta vez não é por medo, mas esperança. Não se fala de foguetes russos ou de Guerra Fria, não é para comparar o comunismo ou com o capitalismo, não é uma questão de ideologia, não mais. O povo cubano não precisou de outra revolução para flertar com a democracia, afinal, os personagens são os mesmos. Um dia, eles foram heróis revolucionários, depois heróis da resistência, depois, passaram a ser vilões opressores para alguns e lendas vivas para outros. Seja qual for o conceito que temos deles, os irmãos Castro são figuras públicas de grande relevância mundial.

Muito se especulou sobre o estado de saúde Fidel. Rumores sobre a ocultação de sua morte ou de seu estado vegetativo cresciam, principalmente, depois de seu silêncio sobre a reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos e por estar há mais de 12 meses sem aparecer em público. Mas, em janeiro, Fidel teve fotos recentes publicadas no jornal local Granma e

também se manifestou por meio de carta à Federação dos Estudantes Universitários: "Não confio na política dos Estados Unidos, nem troquei uma palavra com eles. Isso não significa - longe disso - uma rejeição a uma solução pacífica dos conflitos".

Desde de então, novos fatos foram surgindo e uma verdadeira agenda positiva veio sendo construída e divulgada internacionalmente. Os esforços de ambos os lados foram mundialmente aclamados pela opinião pública e chefes de estado. Isso também abriu espaço para novas atividades econômicas, financeiras, comerciais e de prestação de serviços. Os primeiros exemplos já puderam ser vistos nos meses iniciais de 2015. Em 9 de fevereiro, o Netflix iniciou suas operações no país, seguido da MasterCard em 1º de março e da JetBlue Airways em 4 de julho, com voos diretos entre Nova York e Havana. A companhia, do brasileiro David Neeleman, que também é dono da Azul, é a maior companhia aérea dos Estados Unidos a oferecer a rota.

No campo diplomático, em março, foi a vez da União Europeia (UE) iniciar as tratativas para normalizar as relações entre o bloco europeu e a ilha comunista. No dia 11 de abril, durante a VII Cúpula das Américas, no Centro de Convenções Atlapa no Panamá, Barack Obama e Raúl Castro se encontraram pessoalmente pela primeira vez desde o telefonema histórico. Três dias depois, Obama anunciou a retirada de Cuba da lista de países que financiam o terrorismo. Em maio, Raúl visitou o Papa Francisco no Vaticano e recebeu o presidente francês, François Hollande na ilha. Em junho, foi a vez de Pelé endossar o discurso de mudança, sendo o convidado ilustre do jogo festivo entre seu último clube, o New York Cosmos, contra a seleção de Cuba. Neste mês de julho, enquanto faço os últimos registros neste artigo, Estados Unidos e Cuba acabam de anunciar que a reabertura de suas embaixadas nas respectivas capitais ocorrerá no dia 20.

Por fim, fica o registro mais marcante, considerando os objetivos deste estudo: ao final desta primeira quinzena de julho, 35 pontos de internet sem fio foram disponibilizados gratuitamente em 16 cidades do país. Isso significará maior liberdade de expressão aos cubanos? Eles também poderão ser produtores de conteúdo como os brasileiros e demais povos livres? A saber...

Assim, após mais de cinquenta anos de hostilidades, os primeiros sinais de mudança de postura começam a ser registrados, sem ainda poder descrever relevantes conquistas. Entretanto, as perspectivas do início do desenvolvimento da Televisão cubana enriquecem a pesquisa de entusiasmo, quando se sabe quão vastas são as possibilidades e onde se pode chegar, todavia ainda não se pode dimensionar o caminho a percorrer.

Ilustração 1 – Acesso à rede Wi-Fi no centro de Havana



Fonte: Blog Generacion Y – Yoani Sánchez

Referências

- ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. 15 Motivos para “ficar de olho” na televisão. Campinas: Alínea, 1999.
- ADORNO, Theodor W. (et al.): Teoria da Cultura de Massa. 2a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ARMES, Roy. On vídeo. São Paulo: Summus, 1999.
- BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cossete; TOME, Takashi. (Orgs.) Mídias Digitais. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BEZERRA, Wagner. Manual do telespectador insatisfeito. São Paulo: Summus, 1999.
- CASTRO, Raúl; MONTEIRO, Adalberto. Cuba, 50 anos de revolução. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BUCCI, Eugênio. Uma proposta para melhorar a TV. In: VIVARTA, Veet (org.). Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. A TV aos 50. Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

- CASHMORE, Ellis. ...e a televisão se fez. São Paulo: Summus, 1998.
- CORDEIRO, Tiago. Lost e o Fim da TV. Super Interessante. Edição 236. Fev. 2007.
- DEFLEUR, Melvin L. Teorias da Comunicação de Massa. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- DIZARD, Wilson. A nova mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília (Orgs). Convergências midiáticas: produção ficcional. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- FERRÉS, Joan. Televisão subliminar: socializando através de comunicação despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LACAN, Jacques. Televisão. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. Senac: São Paulo, 2000.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MUNIZ SODRÉ. O Monopólio da Fala: Função e Linguagem da Televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RAMONET, Ignácio. A Tirania da Comunicação. Petrópolis: Vozes, 2001. SODRÉ. Televisão e sociedade. _____ . Geopolítica do Caos. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SÁ, Daniel Barreto de. Telespectador o Senhor a Audiência. Dissertação. Campos dos Goytacazes: Uenf, 2008.
- SÁNCHEZ, Yoani. De Cuba, com carinho. São Paulo: Contexto, 2009.
- SMITH, Winston. Cuba é minha prisão: o testemunho proibido sobre o massacre da ditadura. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- VIVARTA, Veet (org.). Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. São Paulo: Cortez, 2004.
- TEIXEIRA, Duda. O amigo americano. Veja. Edição 2405. Dez. 2014.